

Corpo bicha em trânsito: Entre escola, docência e pesquisa

Thaynan Oliveira Fraga¹
Lívia de Rezende Cardoso²

Resumo: Este artigo-poético entrelaça memória, teoria e resistência a partir da escrevivência de uma bicha afeminada, desde a infância até a atuação como professor-pesquisador. A narrativa evidencia o corpo como arquivo e campo de disputa, articulando silêncios, medos e descobertas como parte de um processo contínuo de subjetivação. A escola e a universidade são tensionadas como espaços simultaneamente normativos e férteis para invenções de si, nos termos de Louro (2004) e Anzaldúa (1987). O Instituto Federal de Sergipe (IFS) é descrito como abrigo e território de florescimento, enquanto a entrada na Universidade Federal de Sergipe (UFS) revela o exílio epistêmico e a posterior reexistência, onde o corpo dissidente se faz teoria viva, conforme Preciado (2020) e Mignolo (2017). Na docência, o corpo-afirmação transforma-se em método, pedagogia e escândalo, desafiando normas e oferecendo possibilidades. A presença da bicha em sala de aula, com seus gestos e afetos, revela uma pedagogia da diferença (Bento, 2008), sensível à escuta, ao acolhimento e à transgressão, como propõem bell hooks (2013) e Ladson-Billings (1995). Cada gesto encarna uma epistemologia encarnada, uma “ação poética do corpo político” (Lorde, 1984), onde ensinar é também dançar fora do compasso, fabular mundos possíveis. Ao fim, o texto se assume como testemunho insurgente — não apenas de si, mas de muitas — e convida à escuta sensível como prática de resistência e reexistência. Assim, ser bicha torna-se teoria viva, escrita com o corpo que insiste, mesmo quando tudo ao redor tenta calar.

Palavras-chave: Corpo Dissidente. Escrevivência. Pedagogia Bicha.

¹ Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão. E-mail: thaynanoliveirafraga@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3278-8663>.

² Doutora em Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Professora da Graduação em Ciências Biológicas e da Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão. E-mail: liviacardoso@academico.ufs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4091-9110>.

Prólogo: um corpo que escreve!

A problematização que construímos neste artigo inscreve-se na possibilidade de considerarmos os relatos de si como uma fratura no modelo moderno de produção de conhecimento acerca dos estudos gays. Em composição com autoras como Judith Butler, Conceição Evaristo e bell hooks, narramos cenas de uma trajetória bicha na escola e na universidade e tecemos reflexões sensíveis com o intuito de produzir um conhecimento que parte do individual, mas que conflui com tantas outras vidas que insistem em produzir uma estética de existência.

Ainda ressoando a afrontosa pergunta “a investigação é imaginável sem o sujeito conhecedor?”, na qual St. Pierre (2018, p. 1058) escancara receios pós-estruturalistas de romper definitivamente com a metodologia humanista convencional, colocamos o sujeito que vive e investiga no centro desta escrita. Fazemos isso no embalo do convite de Oliveita e colaboradoras (2019, p. 181) que nos impulsionou a “vasculhar nossas memórias arquivadas para identificarmos nossas personagens, seus nomes, seus endereços, suas idades, seus gêneros, suas cores, tudo junto e misturado, traduzindo e virando palavra falada e escrita”.

Afinal, é um corpo endereçado, sexuado, generificado, que escreve. E, ao relatar a si, expõe uma “temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade, quando o ‘eu’ busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social” (Butler, 2019, p. 18). Isso implica dizer que não há história pessoal que não seja também a história de uma relação com um conjunto de normas situadas, que não esteja implicada “em um conjunto de normas morais condicionadoras, que, por serem normas, têm um caráter social que excede um significado puramente pessoal ou idiossincrático” (Butler, 2019, p. 18).

Nesse sentido, passamos a uma escrita pessoal, que escarafuncha memórias íntimas e que constrange os limites do “eu” e do “coletivo”, do subjetivo e da produção

de dados, para problematizarmos o corpo gay em espaços como a família, a academia e a ciência. Uma escrita que experimenta um relato de si para fazer aparecerem as condições de possibilidade que tornam algumas vidas inteligíveis e que nos dá pistas das construções normativas que circulam os espaços educacionais.

Nasce um corpo: é menino, menina ou bicha?

No princípio, era a carne. Carne nordestina, bicha e migrante; nascida no Hospital e Maternidade Santa Isabel, bairro Dezoito do Forte, cidade de Aracaju, ano de 1999. Não havia palavra ainda, mas já havia mundo. E no mundo, o corpo. E no corpo, uma inscrição: “aqui, algo fugirá”. Como disse Conceição Evaristo, “eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer” (Evaristo, 2019). E sobreviver, aqui, já era ato poético.

Minha infância começa entre travessias e deslocamentos. Ainda pequeno, próximo do primeiro ano de vida, fui levado para São Vicente, cidade das marés mansas e do vento salgado que insiste em tocar o rosto. Ali, entre a areia escura da praia do Gonzaguinha e o murmúrio ancestral das ondas, meu corpo começou a ser narrado. A travessia aconteceu com meu pai e minha mãe; eu, o primogênito de um jovem casal, ainda recém-formado na aventura de criar raízes.

Desde então, minha biografia carrega o peso e o anseio do cuidado e da promessa de sucesso. Era como se minha existência já tivesse um *script* não-dito: ser o que dá certo, o que vence, o que orgulha. Cresci lutando por conquistas, vestindo o desejo de ser um bom filho como uma armadura feita de silêncios, boas notas e sorrisos comedidos. Meu corpo afeminado aprendeu cedo a coreografar gestos entre a contenção e o desejo, entre o que esperavam de mim e o que pulsava dentro. Cada brisa que soprava da baía carregava comigo um pouco dessa tensão: o menino que brincava na areia, mas que também carregava o peso invisível de ter que dar certo; como se seu corpo, mesmo pequeno, já soubesse da luta que o mundo lhe imporia.

Foi no Quarentenário, bairro popular de São Vicente, entre velas de terra batida e o som constante das ondas ao fundo, que iniciei meus estudos. Era o maternal, como

chamavam; primeiro passo no que seria uma longa travessia pelo território da linguagem e da disciplina. Na escola, eu era o estranho gentil. Aquele que preferia bonecas aos carros, que não sabia — ou não queria — jogar bola, e encontrava mais conforto nas conversas com as meninas.

Meu corpo destoava do *script* silencioso da masculinidade esperada. Havia em mim uma dança desalinhada com o compasso normativo da performance de gênero. Minha diferença foi diagnosticada antes mesmo de ser entendida: "afeminado". Um rótulo colado à pele como marca precoce de desvio. Como aponta Judith Butler (2019), a nomeação não é apenas um gesto de reconhecimento, mas de inscrição numa rede densa de expectativas normativas; dizer é fazer ser, é enredar o corpo na gramática do poder. A infância, assim, não foi um campo neutro ou de inocência, como tantas vezes se idealiza, mas um território de vigilância, onde cada gesto era examinado, cada silêncio interpretado, cada escolha lida como ameaça à ordem previsível do gênero.

Comentando o questionamento foucaultiano sobre a que preço o sujeito pode dizer a verdade sobre si mesmo, Butler acentua que qualquer discurso, qualquer regime de inteligibilidade, constitui-nos a um preço. Isso porque a “nossa capacidade de refletir sobre nós mesmos, de dizer a verdade sobre nós mesmos, é igualmente limitada por aquilo que o discurso, o regime, não pode conceder ao âmbito do pronunciável” (Butler, 2019, p. 154).

Anos depois, esse corpo em construção retornava às terras sergipanas, seu lugar de origem. Em Boquim, entre as praças onde o tempo cochila nas sombras das árvores, nas ruas que conhecem os passos de toda uma infância, nas escolas e na igreja onde tudo se vigia, aquele corpo agora (r)existia. Era um escândalo mudo – não por falta de voz, mas por exceder o que se esperava dele. Um corpo que insistia em escapar das margens do script cis-heteronormativo, tropeçando com graça nos códigos que ditavam como um menino deveria ser. Minha infância era uma espécie de samba desafinado, e talvez por isso, aprendi cedo que desafinar é também dizer.

Como afirma Audre Lorde (2009, p. 20): “Transformar o silêncio em linguagem e ação é um ato de auto-revelação e, portanto, de luta”. O silêncio é ato de resistência, sobretudo quando coloca em questão a legitimidade da autoridade evocada por quem nos

interpela. Nas palavras de Butler (2019, p. 23), “A recusa de narrar não deixa de ser uma relação com a narrativa e com a cena de interpelação. Como narrativa negada, ela recusa a relação pressuposta pelo interrogador ou a modifica, de modo que o questionado rechaça o questionador”.

E era disso que se tratava: uma luta íntima e pública, visceral e poética. Meu corpo desafinava e, por isso mesmo, anunciava. Eu era o erro diagnosticado antes da fala. Mas no erro, fundei linguagem. No desvio, criei caminho. Porque ser bicha, afeminada e nordestina é uma invenção contínua de vida; uma gramática que desafia a norma, que exige escuta, que reescreve o mundo em voz alta.

Como aponta bell hooks (2013), a transgressão pode ser um ato de amor e reexistência, uma forma radical de afirmar a vida onde o mundo só espera silêncio e apagamento. Em Boquim, eu desafiava o mundo sem saber, apenas por existir em voz alta, mesmo quando calado.

Ser migrante é ser de lugar nenhum e de todos ao mesmo tempo. É habitar o entre, esse espaço móvel e inquieto, feito de passos suspensos. Foi nesse entre (entre Aracaju, São Vicente e Boquim, entre o silêncio e o grito, entre a Bíblia e o Batidão) que fui inventando jeitos de continuar. Meu corpo, sem saber, já era arquivo. Arquivo de uma pesquisa que ainda não tinha nome, mas que escorria nos gestos, nas vergonhas, nos disfarces, nas pequenas resistências cotidianas.

Como nos lembra Haraway (1995), toda posição de fala é encarnada; nascemos corpos situados, atravessados por contextos, histórias e tensões. E é deste corpo marcado que agora escrevo, não como objeto de estudo, mas como próprio método: corpo que fere, que interpela, que fala, que deseja e que dança em sua potência de existir e resistir.

Corpo, escola e escândalo: a pedagogia do desvio

Na escola, meu corpo era lido antes mesmo de aprender a ler. A sala de aula, espaço de saber, também era espaço de normatização; e de escândalo. Escandalizava por minha voz, por meus gestos leves, por minhas amizades com as meninas e minha recusa em performar a dureza esperada dos meninos. Não era só aluno, era alvo. A escola me

ensinava, mas também me marcava. E eu fui entendendo, ainda criança, que educar também é vigiar, como nos mostra Michel Foucault (1979), quando fala do poder disciplinar que atua sobre os corpos, moldando comportamentos e regulando desejos.

Minha diferença era uma pedagogia involuntária: ensinava sem querer. Meu corpo afeminado interrompia a aula sem abrir a boca. Era desvio e, por isso mesmo, era ensinamento. Como afirma hooks (2013), a sala de aula pode ser um espaço de transgressão, desde que a diferença não seja silenciada, mas acolhida como força criadora. Eu era a transgressão que não se nomeava, mas que anunciava a urgência de outras formas de viver e aprender.

Ouçõ, ainda hoje, os ecos dos risos, das correções, dos avisos: “senta direito”, “fala grosso”, “seja homem”. A cada frase, uma ferida. Mas também uma fresta. Como canta Caio Prado na música “Não Recomendado” (2014): “Má influência, péssima aparência / Menino indecente, viado”. Esses versos não me ferem, me reconhecem. Me inscrevem. São cicatriz que virou tatuagem. Porque sim, ser homem nunca me deu nada. Foi ser bicha que me deu linguagem, invenção e desejo. Me deu os gestos proibidos, o riso solto, a dança que desafia a norma. Me deu o corpo que hoje escrevo como teoria viva.

Nesse contexto, segundo Preciado (2014), pensar a partir do corpo é uma forma de desorganizar os saberes instituídos, de romper com a neutralidade da ciência e abrir espaço para epistemologias encarnadas, marginais e afetivas. Meu corpo-bicha, ali exposto no quadro da escola pública, era também um corpo-professor, que ensinava a desobedecer com seus próprios gestos.

E é neste lugar que afirmo: escrever é resistir. Escrevo a partir de um corpo situado, não como objeto de estudo, mas como método. Como aponta Conceição Evaristo (2020), escrevivência é escrever com a carne, com as dores e com as memórias. É ciência forjada com lágrimas, suor e desejo. É pesquisa que não se separa da vida. Eu escrevo como bicha afeminada, professor, filho da escola pública; e é este corpo, marcado por escárnio e reinvenção, que transforma vivência em método e método em resistência.

Em cada repreensão, aprendia sobre o medo. Mas também sobre a beleza de resistir. Segundo Lorde (2009), “quando me atrevo a ser poderosa, a usar minha força ao

serviço da minha visão, então se torna cada vez menos importante se eu tenho medo”. O medo sempre esteve comigo, mas o desejo de existir com dignidade foi maior. E é dele que este texto nasce. Escrever, neste corpo que dança à beira do abismo, é um gesto de insubordinação amorosa. É uma maneira de dizer: não conseguiram me calar. Mesmo quando tremia, eu falava. Mesmo quando doía, eu dançava. Mesmo quando sangrava, eu amava.

“Começamos a refletir sobre nós mesmos pelo medo e pelo terror” (Butler, 2019, p. 22). O medo não desaparece, não desapareceu; ele aprendeu a andar comigo. O medo me fazia refletir sobre o que sou. Tornou-se um lembrete de que resistir não é ausência de dor, mas coragem de seguir apesar dela. Assim como canta Pabllo Vittar em “Indestrutível” (2017): “E quanto mais dor recebo / Mais percebo que sou indestrutível”. Esses versos são oração e escudo. Ecoam em mim como um manifesto de quem aprendeu que o afeto também é arma, que o rebolado pode ser revolução, que o salto alto pode ser trono. Não por glamour, mas por sobrevivência. Porque ser bicha afeminada e não sucumbir é já um feito político. Porque continuar em pé, diante do escárnio, é uma forma radical de dizer sim à vida, como nos lembra Rolnik (2006), quando fala do desejo como potência de reinvenção.

Ser indestrutível, então, não é ser invulnerável; é, ao contrário, saber que a vulnerabilidade é um terreno fértil para o conhecimento sensível. É nela que germinam nossas escrevivências. Segundo Evaristo (2020), nossas histórias vêm de muito longe e carregam em si a dor e a beleza de um povo que, apesar de tudo, insiste. Eu insisto. E é essa insistência que ensino.

A descoberta do desejo: silêncios, medos, estratégias de fuga e consagração

Ser bicha, ser afeminado, é carregar no corpo a iminência da exposição. Antes mesmo de sabermos nomear o desejo, já éramos nomeados pela diferença. Por isso, aprendi cedo a arte da fuga. Fugir com os olhos, com as palavras, com a voz que eu tentava esconder. Fugir para dentro da literatura, para as canções melancólicas, para as conversas com outras meninas, onde eu podia ser quase inteiro. Fugir como quem escreve fábulas

para continuar vivo. Como quem aprende, ainda criança, que viver exige performance. E performar exige escuta, disfarce e respiração contida.

Ainda assim, havia frestas. Entre o medo de ser descoberto e o desejo de ser visto, fui esboçando formas de me nomear. Desejar era pecado, era erro, era sentença; mas também era janela. O primeiro toque, o primeiro olhar demorado, o arrepio de um quase beijo: tudo era nítido, tudo era revelação. Como quem tropeça e, ao cair, descobre que há chão para apoiar-se.

Aos poucos eu me entendia, me construía, performava, formava um corpo, desabrochava a bicha. Nessas autodescobertas, minha mãe descobriu meu eu; o lado até então silenciado em sua presença, sempre traçando rotas de fuga para um lugar de repressão. O medo era o termômetro. Medo da rejeição, do abandono, da violência. Como afirma Bento (2006), a sexualidade dissidente é marcada por dispositivos de controle que tentam normatizar os corpos, e o medo é a ferramenta mais eficaz dessa pedagogia do silêncio.

Mas ali, entre silêncios e fugas, fui costurando minha própria epistemologia. A epistemologia da sobrevivência. A teoria encarnada de uma bicha que aprendeu a se pensar no entre-lugar. Não dentro ou fora do armário, mas na fresta, como propõe Anzaldúa (1987), onde a fronteira é ferida e também possibilidade. Meu corpo era arquivo e testemunha, era documento vivo do que Preciado (2020) chama de “corpo dissidente”: aquele que escreve com seus gestos uma teoria que escapa à norma e confronta as estruturas que nos tentam conter.

Tempos depois da descoberta da minha mãe, eu sabia que meu pai e outros familiares estariam sabendo da notícia. Afinal, qual caso de família não se espalha rápido, né?! O que me intrigava nesse meio tempo não era a reação da família, mas sim quais seriam os próximos passos dos meus pais diante da certeza de que o filho que criaram não era quem imaginavam. Ele era muito além do previsível, ele era certeza e incerteza, era estrela, era luz.

Em meio ao meu clarão, minha mãe se aproxima e, com os olhos marejados, me diz coisas lindas. “Eu te entendo... e quando não te entendo eu te aceito. E acima de todas as coisas eu te respeito” (Abreu, 2025). Essa frase representa o que foi esse momento e

isso me atravessou como cura. Um gesto de amor que se tornou insígnia de pertencimento. Era o reconhecimento de que meu brilho transcendia o corpo que fui ensinado a reprimir. A consagração de uma vida inteira de medo, que finalmente encontrou abrigo no amor incondicional. Dali em diante, fomos resistência. Um apoio mútuo, ainda que o mundo, a família, os silêncios insistissem em calar.

Com o tempo, compreendi que toda essa trajetória era também um ato político de escrevivência. Como nos ensina Conceição Evaristo (2020), escrevivência é a escrita que vem das marcas do corpo e da alma, que brota da vida vivida e que recusa a neutralidade da razão universal. Minha narrativa é ciência, é denúncia, é reinvenção da linguagem. Escrevo com a pele, com o medo, com a memória e com o desejo. Faço da escrita um corpo falante, um corpo que não se curva. Bell hooks (2013) também nos lembra que o ato de contar nossas histórias é gesto de cura e insurgência, pois “o amor é um ato de vontade — tanto a intenção como a ação” (hooks, 2013).

Entre o caos e a glória, eu vivia o Ensino Médio. Um tempo de curvas, tropeços e luz. O Instituto Federal de Sergipe (IFS), campus Lagarto, foi meu lar de autodescobertas e crescimento. Ali fui me plantando, me regando e florescendo. Entre as salas, as árvores frutíferas, a barragem à vista e os campos de jogos de queimado, carreguei e fui carregado por histórias. A minha história.

Ali, a segurança dos amigos e a glória da minha mãe me tornavam imbatível. A bicha tornava-se cada vez mais potente. Mesmo quando retraída, deixava sua marca onde passava. A escola, segundo Louro (2004), é um território onde se produzem subjetividades, um espaço de relações de poder, de disputas simbólicas e de invenções de si. No IFS, vivi as possibilidades de ser no mundo.

E foi nessa ambiência que a transgressão se tornou vida e a escrita se tornou método. Corpo e palavra se fundiram. E assim, meu corpo-pesquisa atravessava o IFS, performando saberes que a academia ainda aprende a escutar. A bicha era teoria viva. E a escola, campo fértil de invenção. Como Lorde (2009) menciona, “transformar o silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação pessoal e, portanto, de poder”. Eu revelava. Eu existia. Eu ensinava.

A entrada no ensino superior: entre o exílio e o encontro

Chegar ao ensino superior foi cruzar um novo deserto. Um rito de passagem cheio de celebração e espinhos. Era como se eu tivesse vencido uma corrida, mas ainda não soubesse o caminho de volta para casa. As paredes da universidade ecoavam em diversas sintonias e, ao mesmo tempo, estavam carregadas de silêncios. Silêncios que me fizeram lembrar que o saber, muitas vezes, é território cercado, cercado por muros epistêmicos que gritam sua neutralidade enquanto silenciam corpos como o meu. Senti-me, à primeira vista, exilado; da linguagem, do corpo, da história. Eu era o figurante da cena da ciência. Aquele que carregava nos gestos, no corpo, na voz, uma interrupção, um travamento nos códigos do saber hegemônico.

Logo conheci pessoas, fiz amizades e criei vínculos que permanecem até hoje. Eu, com a minha performance, minha reverberação e a luz que emanava, consegui me encontrar e me fazer pertencer à Universidade Federal de Sergipe (UFS). Em pouco tempo, compreendi que aquele espaço acadêmico, mesmo fundado em normas e exclusões, também podia ser ressignificado. E assim, me permiti viver tudo, sendo quem eu queria ser naquele momento: a bicha, o gay afeminado, as unhas grandes, o salto. Era corpo e presença. Era fabulação encarnada. Conforme Preciado (2020), "a dissidência sexual é também uma forma de produção de conhecimento", e eu era esse saber em movimento.

Cursando Ciências Biológicas, em sala de aula, eu era uma interrogação viva. O corpo afeminado que atravessava o discurso professoral com sua simples presença. O riso, a mão que dançava enquanto explicava, o modo de sentar — tudo era política. Ser bicha ali não era só uma identidade: era um campo de tensão, um desvio na linearidade do saber. Era escândalo que não se calava. E talvez por isso, eu tenha me sentido, de início, em exílio; um exílio que logo se tornou travessia.

Durante a graduação, vivi um mix de sentimentos. Me sentia pertencente ao curso, havia beleza na biologia, especialmente no estudo dos animais, mas algo ainda não me preenchia. Faltava o espelho, o reflexo, o lugar de fala e de escuta. Até que então conheci as disciplinas de Perspectivas Culturais e Corpo, Gênero e Sexualidade, onde, pela

primeira vez, me senti presente. Ali estava eu: importante, legítimo, inteiro. Pela primeira vez, estudava sobre quem sou e sobre os corpos com os quais caminho, luto, performo e resisto.

“Quando os estudantes se reconhecem no espaço escolar, quando suas identidades são acolhidas e respeitadas, há uma ampliação das possibilidades de aprendizagem. Sentir-se pertencente é condição para o florescimento” (Silva, 2000). Essa citação reverberou em mim como um oráculo. O pertencimento iluminou e expandiu todos os meus horizontes; transformou a incerteza em concretude e fez do meu corpo um ponto de partida. Era a prova de que a escola, quando se abre à pluralidade, se torna fértil para a invenção de si. Como propõe hooks (2013), a educação é o espaço onde “o eu e o mundo se encontram”, e essa intersecção pode ser libertadora.

Lorde (1984) nos ensina que transformar o silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação e resistência. Foi nas brechas da academia que comecei a esboçar minhas primeiras escrevivências. Quando descobri que aquilo que me atravessava — a vergonha, o medo, a diferença — não era só meu. Era história. Era estrutura. Era teoria. Escrever desde a bicha que sou é gesto político de resistência. É fazer da ferida enunciado. É, como diria Anzaldúa (1987), habitar a fronteira como lugar de potência: *“la herida abierta”*.

Entre uma aula, um evento, um seminário e outro, fui me encontrando com outras presenças dissonantes. Outras vozes que também tremiam ao se apresentar, mas que, ao tremer, faziam vibrar a estrutura. Vozes de pretas, de indígenas, de travestis, de outras bichas. Gente que sabia, no corpo, que o saber ali precisava ser desobedecido. Porque como afirma Mignolo (2017), a desobediência epistêmica é condição para o surgimento de outros mundos possíveis. E foi nesse encontro com as margens que reencontrei o centro de mim.

Descobri que ensinar também podia ser parte da travessia. Que ocupar a sala de aula era, em si, um manifesto. Que falar em primeira pessoa, com voz de escândalo, com gestos amplos, com o salto alto do pensamento, era uma pedagogia bicha. Um modo de ensinar com o corpo inteiro. Porque não existe neutralidade quando se ensina desde o corpo que dança. Como nos provoca Bento (2008), a pedagogia da diferença exige um deslocamento dos lugares de enunciação, e eu me fazia palavra dançante em cada gesto.

Foi nesse entre-lugar; entre o exílio e o encontro, entre a vergonha e o grito; que comecei a me constituir como professor-pesquisador-bicha. Um corpo que carrega a cicatriz do não pertencimento, mas que aprendeu a fazer dela palavra, método e denúncia. Eu era a própria contranarrativa. A própria aula viva. A própria possibilidade de uma ciência que não coubesse mais nos moldes do cis-tema.

Ser bicha é teoria: o corpo como arquivo e escândalo na docência

Chegar à sala de aula como professor foi, ao mesmo tempo, um retorno e um salto. Retorno à escola, cenário de muitas memórias, muitas feridas, muitos silêncios atravessados. Salto sobre o medo, sobre os discursos que disseram que eu não podia, que tentaram conter minha travessia. Entrar na escola enquanto bicha afeminada foi um gesto de contrabando: carreguei comigo tudo que tentaram apagar. A voz, os trejeitos, as cores, o desejo. Meu corpo, agora vestido com crachá, caderno e currículo, era o mesmo que outrora foi chamado de exagerado, de perigoso, de errado. Mas agora era eu quem ocupava o quadro, quem escrevia as perguntas, quem devolvia o olhar.

Ser bicha em sala é tensionar o espaço. É habitar a escola com as cicatrizes à mostra e ainda assim acender luz. É fazer do próprio corpo um campo de disputa. Como afirma Preciado (2020), “o corpo é uma ficção política”. E meu corpo, ali, encarnava um saber que não estava nos livros: um saber de carne, de escuta, de silêncio e de grito. Eu era o escândalo metodológico: o professor que não performa a masculinidade esperada, que afina a voz e ergue o punho, que fala de política com brilho nos olhos e esmalte nas unhas. Era, como define Valencia (2018), uma “subjetividade insurgente”, que desestabiliza os códigos da pedagogia tradicional.

E segundo Rolnik (2006), toda pedagogia é também uma prática de subjetivação. Na minha prática, ensino por meio das diferenças. Faço do afeto uma ferramenta e da vergonha uma pergunta. Relembro que os corpos em sala estão sempre escrevendo história, mesmo quando silenciam. A escola não é neutra — nunca foi. É palco de normatizações, mas também pode ser lugar de subversão. A minha docência é um convite

à desobediência epistêmica (Mignolo, 2017). É a recusa em seguir o compasso imposto pelo cis-tema.

Como afirma bell hooks (2013), ensinar é um ato de esperança e transgressão. É preciso criar espaços de escuta e acolhimento onde antes havia apenas medo e silêncio. É nisso que acredito: no poder de um gesto bicha, de uma fala que escapa ao tom, de um riso que desloca o medo. Ensinar desde o escândalo é ensinar desde a vida. É afirmar que o currículo é também o corpo que o transmite, como defende Ladson-Billings (1995) ao pensar pedagogias culturalmente responsivas: o saber não se separa de quem o enuncia.

Minha presença em sala, antes de qualquer conteúdo, já é currículo. Transmito muito só de me fazer presente. Sou corpo enunciador de outros mundos possíveis. O que me faz lembrar de um momento que vivi logo nos primeiros dias de docência. Ainda inseguro, tentando calçar uma autoridade que não era minha, estava ali, diante da turma. Um aluno que sempre se sentava ao fundo não parecia prestar atenção. Permanecia quieto, desenhando. Eu não disse nada. Ao final da aula, ele se aproxima e me entrega um papel. Um retrato. Um desenho bonito, etéreo. Ele me disse: “é como eu te vejo — como um anjo”. E completou: “você mostra que dá pra ser feliz sem ter medo de se mostrar pro mundo”.

Fiquei em silêncio. Um silêncio que gritou por dentro. Porque aquele gesto me ensinou mais que qualquer livro: só de existir, eu já dizia. Dizia tudo. Eu era possibilidade. Era linguagem viva. Era o que Lorde (1984) chama de ação poética do corpo político. Ser quem eu sou, naquele espaço, era também abrir caminho para que outros pudessem ser.

Sou arquivo de uma história coletiva: das que vieram antes, das que não puderam, das que foram caladas. Sou arquivo também do desejo. Como nos lembra Muñoz (2009), o desejo queer é sempre utópico, é uma insistência no porvir, uma aposta no ainda-não. “A utopia queer”, diz ele, “é um horizonte que nos chama para adiante”. E é por isso que sigo. Porque ser bicha é teoria — e comigo se faz prática. É epistemologia encarnada. É fazer ciência com as mãos pintadas e o corpo em alerta.

O corpo bicha, quando ensina, não apenas transmite conteúdos: ele performa possibilidades. Ele abre caminhos, racha a norma, reinventa a pedagogia. Segundo Bento (2017), o corpo é um texto político, e o corpo dissidente em sala é uma leitura em voz

alta daquilo que a escola tentou rasurar. O escândalo de existir fora do esperado se transforma, na sala de aula, em possibilidade de criar mundos novos. E nisso, ensinar é também dançar; e dançar é viver fora do compasso esperado, criando outro ritmo, outro tempo, outra escola.

Na sala, sou pergunta e resposta. Sou trilha e tropeço. Sou ferida e cura. Sou o gesto que anuncia que “sim”, é possível ensinar sendo bicha. E que há, nisso, um método. Um modo de estar que fabrica sentido, convoca alianças e desorganiza as certezas. Porque ensinar, como viver, é também fabular.

Para insistir: poéticas da escuta, da resistência e da reexistência

Este texto não buscou explicar, mas ecoar. Não quis provar, mas testemunhar. Afinal, quando uma bicha escreve, o faz com o corpo inteiro; com as memórias, as vergonhas, os brilhos, as faltas. Escreve-se com a carne que lembra, com o silêncio que ainda pulsa nas dobras da garganta. Por isso, fiz da escrevivência um método que tornou possível esta escrita: escrever é viver de novo, como nos ensina Conceição Evaristo (2020). Escrevo desde esse lugar: o da infância escandalosa, da adolescência silenciada, da docência transgressora. Escrevo com o desejo de continuar, e com a dor de não caber. Escrevo para não desaparecer.

Narrar-se foi um gesto de cura, mas também de convocação. Meu corpo, tantas vezes lido como erro, aqui se inscreve como possibilidade. Cada trecho desta escrita é também uma sala de aula, um grito no corredor, uma performance de esperança. Porque ser bicha, professor, pesquisador, é insistir na linguagem mesmo quando ela nos nega. É fazer da palavra um lugar onde o corpo finalmente pode respirar. Como Anzaldúa (1987) destaca, a linguagem é um território, um corpo fronteiriço. E escrever desde a margem é também fundar centro; ainda que provisório, ainda que tremendo.

Na contramão da neutralidade acadêmica, este artigo assumiu o corpo como método. E o corpo bicha como epistemologia. Como afirma Bento (2017), não há conhecimento neutro quando os corpos que o produzem estão atravessados por desigualdades, violências e ausências sistemáticas. Meu corpo é arquivo. É método. É

prova viva de que resistir também é uma forma de pensar. Porque, segundo Lorde (1984), a transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de autodefinição e sobrevivência. É isso que esta escrita buscou: transformar silêncio em linguagem, linguagem em ação, ação em permanência.

Ao escrever, busquei performar o que Facchini (2005) chamou de “pedagogia da diferença”, em que corpos dissidentes ensinam desde seus próprios modos de existir. E com Facchini aprendi que a dissidência não é só resistência, é também produção ativa de mundos. Da mesma forma, com Jesus (2021), compreendi que o fazer científico queer deve ser situado, encarnado e radicalmente político. Assumir o corpo como lugar de saber é insubordinar a pesquisa — é responder ao chamado do dossiê que propõe dar fim à pesquisa como conhecemos.

E ao olhar para trás, vejo que tudo isso começou nas areias das praias, nos corredores da escola, nas vozes que me calaram e nas músicas que me salvaram. Como canta Johnny Hooker em Flutua (2017), ao lado de Liniker: “Um novo tempo há de vencer / Pra que a gente possa florescer / E, baby, amar, amar sem temer.” Essa canção foi semente. Foi oração. Eu sou a flor, que, ainda sendo broto, viveu e sobreviveu às condições da vida. Eu escolhi dançar e floresci, levando a todo lugar esse amor que se recusou a morrer. Como diria a artista Linn da Quebrada (2018), o corpo é a primeira tecnologia de insurgência. E meu corpo, ao se mover, escreve também um manifesto.

Desejo que este texto também escute quem o lê. Que encontre outras vozes que, como eu, têm tremores e brilhos na voz. Que acolha as que dançam fora do compasso, as que sangram beleza, as que recusam moldes e normas. Que esse escrito seja também abrigo, ferida exposta e janela aberta. Que sirva de ponte para outras escrevivências, outras fabulações, outros escândalos. Que se configure como uma escrita de muitos, afinal, “quer o outro seja ou não singular, ele é reconhecido e oferece reconhecimento através de um conjunto de normas que governam a reconhecibilidade” (Butler, 2019, p. 39).

E que possamos, em coro, repetir com orgulho: ser bicha é teoria. É afeto, é denúncia, é arquivo e é futuro. Como diz Martins (2020), não se nasce bicha: a gente se inventa todos os dias, nas beiras, nos becos, nas brechas do mundo. Que nossas

escrevivências continuem escandalizando as normas e abrindo frestas por onde a vida insiste em passar. Porque onde houver fresta, haverá bicha. E onde houver bicha, haverá palavra, haverá mundo, haverá gesto de amor.

Referências

ABREU, Rodrigo. **Frases de um pensador**. Autor: Rodrigo de Abreu. 2025. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTQ0OTQxNQ/>. Acesso em: 22 de maio de 2025.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. São Paulo: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. 1 ed. 4, reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

EVARISTO, Conceição. “**Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer**”. In: Poemas da recordação e outros movimentos. São Paulo: Malê, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. DUARTE, Constância Lima, 2020.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? Movimento Homossexual e Produção de Identidades Coletivas nos Anos 90**. Campinas: UNICAMP, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1979.

HARAWAY, Donna. “**Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**”. Cadernos Pagu, n. 5, 1995.

HOOKE, Johnny; LINIKER. **Flutua**. In: Single, 2017.

HOOKE, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo e epistemologia queer**. In: HOLANDA, H. B. (org.). Pensamento feminista hoje. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LADSON-BILLINGS, Gloria. **Toward a Theory of Culturally Relevant Pedagogy.** American Educational Research Journal, v. 32, n. 3, p. 465–491, 1995.

LINN DA QUEBRADA. **Bixa Travesty** [filme-documentário]. Direção: Claudia Priscilla e Kiko Goifman. Brasil: Studio Ria, 2018.

LORDE, Audre. **I Am Your Sister: Collected and Unpublished Writings of Audre Lorde.** Oxford: Oxford University Press, 2009.

LORDE, Audre. **Os diários do câncer.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Relicário, 2019.

LORDE, Audre. **The transformation of silence into language and action.** In: Sister outsider: essays and speeches. Berkeley: Crossing Press, 1984.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, Vitor. **Quinze dias.** São Paulo: Alt, 2020.

MIGNOLO, Walter. **Epistemologia do Sul e desobediência epistêmica.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2017.

MUÑOZ, José Esteban. **Cruising Utopia: the then and there of queer futurity.** New York: NYU Press, 2009.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; *et al.* **“Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, n. spe, p. 179–184, dez. 2019.

PRADO, Caio. **Não Recomendado.** Álbum: Variável Eloquente. 2014.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual.** São Paulo: n. 1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da transição.** São Paulo: n. 1 edições, 2020.

ROLNIK, Suely. **A alma está fora de si.** In: ROLNIK, Suely; FRANÇA, M. Micropolíticas: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

ST. PIERRE, Elizabeth. **Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à “pós- investigação”.** Práxis Educativa, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 1044–1064, 2018.

VALENCIA, Sayak. **Capitalismo Gore**. São Paulo: n. 1 Edições, 2018.

VITTAR, Pablllo. **Indestrutível**. Álbum: Vai Passar Mal. Sony Music, 2017.

The queer body in transit: Between school, teaching and research

Abstract: This poetic article links memory, theory and resistance based on the writing of an effeminate queer man, from his childhood to his work as a teacher-researcher. The narrative highlights the body as an archive and a field of dispute, articulating silences, fears and discoveries as part of a continuous process of subjectivation. School and university are stressed as spaces that are both normative and fertile for inventions of the self, in the terms of Louro (2004) and Anzaldúa (1987). The Federal Institute of Sergipe (IFS) is described as a shelter and territory of flourishing, while entry into the Federal University of Sergipe (UFS) reveals epistemic exile and subsequent reexistence, where the dissident body becomes living theory, according to Preciado (2020) and Mignolo (2017). In teaching, the body-affirmation becomes method, pedagogy and scandal, challenging norms and offering possibilities. The presence of queers in the classroom, with their gestures and affections, reveals a pedagogy of difference (Bento, 2008), sensitive to listening, welcoming and transgression, as proposed by bell hooks (2013) and Ladson-Billings (1995). Each gesture embodies an embodied epistemology, a “poetic action of the political body” (Lorde, 1984), where to teach is also to dance outside the beat, to fabricate possible worlds. In the end, the text assumes itself as an insurgent testimony - not just of itself, but of many - and invites sensitive listening as a practice of resistance and reexistence. Thus, being queer becomes a living theory, written with the body that insists, even when everything around it tries to silence it.

Keywords: Dissident Body. Writing Experience. Queer Pedagogy.

Recebido: 30/06/2025

Aceito: 29/05/2026